

Subtema 6. Juventude, processos educativos e trabalho – aspectos teóricos.
Comunicação: oral

JUVENTUDES E TRABALHO NA CENA CONTEMPORÂNEA: UMA REFLEXÃO NECESSÁRIA

Marlene Almeida de Ataíde

Doutora em Serviço Social, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC – SP). Professora e pesquisadora do curso de Serviço Social da Universidade de Santo Amaro (UNISA – SP). Endereço Profissional: Rua Isabel Schmidt, 349 – Santo Amaro – SP. E-mail: <maataide@yahoo.com.br>. Telefone: (11) 2068-6823.

RESUMO

A presente comunicação parte das preocupações advindas sobre a categoria juventude cujo tema está cada vez mais presente nas agendas da sociedade. Nos espaços acadêmicos, existem discussões, e investigações, na busca de analisar as questões que incidem na vida desse segmento populacional. Dentre estas se destaca a questão da escolarização, o trabalho, a violência, as drogas. Enfim uma série de situações que têm rebatimentos significativos nos modos de vida desses sujeitos sociais, algumas sem a solução devida como é o caso das drogas e da violência que vem atingindo as juventudes independente da classe social a qual pertencem. Por outro lado temos as agendas governamentais e não governamentais que se volta para o desenvolvimento e a implementação de políticas públicas voltadas para a questão do trabalho entre outros aspectos. Nesta comunicação o termo juventudes se inscreve no plural, cuja definição se caracteriza como uma construção social, histórica, cultural e social, não se limitando a períodos etários, entre 15 e 24 anos, conforme conceituação da ONU (Organização das Nações Unidas), ou seja, cada sujeito experimenta os modos de ser jovem nas mais diversas formas onde espaços e trajetórias são construídos, e ainda, esse segmento constitui identidades e singularidades de acordo com a realidade do contexto no qual cada um está inserido. Têm-se ainda as representações que são atribuídas às juventudes na nossa moderna, mais ainda arcaica sociedade e que formam um campo vasto de interpretações e debates, no entanto não se pode enquadrá-la nos moldes de uma visão *una* de juventude, mas múltipla, considerando as diversidades que a compõe. Por oportuno, não se pretende oferecer uma visão abrangente da sua definição, mas demarcar como devem ser definidas conceitualmente as juventudes contemporâneas, nas suas múltiplas expressões. Dentro das expressões que merecem uma reflexão a categoria trabalho enquanto uma questão central direcionada para a população jovem no

momento contemporâneo requer uma retrospectiva do processo de transformações na economia mundial iniciado no final da década de 1980. Essas transformações inseriram as economias da América Latina e, em especial, do Brasil, por intermédio de um processo de abertura externa e de retração das atividades produtivas, tendo gerado desempregos e graves conseqüências que atingiu sobremaneira a população jovem. As profundas transformações pelas quais vem passando a economia mostram-se, em geral, desfavoráveis à evolução do emprego da força de trabalho, atingindo particularmente os jovens. Por conseguinte, as transformações no mundo da produção, nos moldes da reestruturação produtiva e das novas formas de gestão e organização do trabalho, estão presentes na nossa sociedade, cujos efeitos têm recaído na população juvenil, principalmente aquela oriunda da classe pobre. Esta necessidade imperiosa da flexibilização dos processos produtivos, transcende a produção material e torna-se mesmo constitutiva da subjetividade do trabalhador – impondo que ele próprio seja flexível, que saiba lidar com uma variedade de funções, a integrar-se a diferentes formas de interação e mobilização no trabalho. No que tange à população de jovens, passaram a enfrentar maiores dificuldades para o ingresso e a permanência no mundo do trabalho. Como se sabe o desemprego juvenil contribui pela não aceleração do desenvolvimento da sociedade, além de retardar a força jovem de ingressar no mundo do trabalho. Essas questões ampliam ainda mais a dependência dos jovens na família e nas políticas públicas. Sabe-se, entretanto que o mundo do trabalho não acolhe todos de igual forma todos trabalhadores, pois uma significativa parcela está excluída dele no aguardo de uma oportunidade, ou mesmo, recorrendo as mais variadas estratégias de sobrevivência para manter a mínimas condições de subsistência. Nesse contexto, os jovens da classe pauperizada em idade legal para trabalhar tornam-se um dos segmentos mais frágeis na disputa por um emprego tendo em vista o elevado excedente de mão-de-obra e a perda de oportunidades ocupacionais em empregos regulares. As duas últimas décadas de 1980 a 1990 e, adentrando no século XXI, transformaram o mundo do trabalho no Brasil, pois o desemprego voltou a ser um fenômeno de massa, ao mesmo tempo em que cresceu a precarização das condições de trabalho, em especial a ampliação do emprego informal. Tal situação atinge as juventudes que enfrentam o desemprego que acarretam conseqüências econômicas e sociais. Neste contexto as empresas se aproveitam para aumentar as exigências tanto de qualificação, escolaridade e experiência profissional, o que torna mais difícil a conquista do primeiro emprego ou de um novo posto de trabalho pelos jovens. Existe ainda, a lógica em que muitas empresas

rotulam os jovens como despreparados para as demandas postas no mercado, e ainda, por descompromisso com o trabalho. No entanto, o desemprego juvenil não atinge somente aqueles jovens que tiveram poucos acessos à informação ou a qualificações especializadas. Atinge também os jovens de outras classes sociais que obtiveram acessos mais qualificados, como a conclusão do ensino superior, onde a geração de postos de trabalho ainda se mantém apesar da desenfreada competitividade. As conseqüências do desemprego juvenil apresentam-se cada vez mais perversas, pois que, ameaça a integração social e o desenvolvimento sócio-econômico dos jovens, que se tornam dependentes das políticas públicas e das contribuições oriundas do grupo familiar, e, acarreta por outro lado que os jovens adiem suas perspectivas de futuro, como por exemplo, constituir famílias, uma vez que não possuem as condições que propiciem uma auto-sustentação. É importante haver um maior investimento, por parte daqueles que elaboram as políticas públicas de emprego ou propostas de cursos que visam aos jovens ocuparem o tempo “ocioso”. Mas, e, sobretudo que considere a qualidade dos profissionais envolvidos na atuação, os recursos materiais necessários e, principalmente, a absorção desta mão-de-obra semiquificada pelo mercado de trabalho. Normalmente, os cursos oferecidos correspondem aos primeiros conhecimentos ou noções sobre uma determinada qualificação profissional. Isso necessita de extensão e experiência prática para a qualificação real, ou seja, é imprescindível que haja a disponibilidade de oportunidades na micro-localidade em que se insere esse jovem, aliada, ainda, à suas afinidades e habilidades. Assim, o trabalho para as juventudes deve ser pensado enquanto condição presente nas suas vidas os quais constroem determinados modos de ser jovens, e, apresentam suas especificidades, o que significa que não há um único modo de ser jovem nas camadas populares, ou seja, a noção de juventudes deve ser realizada no plural, expressando a diversidade dos modos de ser jovem.

Palavras chaves: Juventude (s), mundo do trabalho, desemprego.